

Educação Guarani em interculturalidade: o valor da re-existência de memórias e ensinamentos de uma sabedoria ancestral

Guarani education in an intercultural context: the value of reviving the memories and teachings of ancestral wisdom

La educación Guaraní en el contexto de la interculturalidad: el valor de la perpetuación de las memorias y las enseñanzas de una sabiduría ancestral

Ana Maria Melo de Pinho¹

Ana Luisa Teixeira de Menezes¹

Sebastián Daniel Castiñeira²

DOI: <https://doi.org/10.20435/serie-estudos.v32i72.2254>

Resumo: Este artigo inscreve-se na América do Sul – *Abya Yala* – como parte de uma pesquisa em movimento que dialoga com o pensamento ameríndio da América Profunda. A partir de vivências e escutas realizadas junto ao povo Mbyá Guarani, especialmente em territórios do Brasil e da Argentina, busca-se compreender a educação indígena como experiência vivida, enraizada na ancestralidade, na espiritualidade e na relação com o território. A reflexão é mobilizada pelas falas de intelectuais indígenas, que convocam a pensar o valor da existência Guarani e, com ela, a re-existência de memórias e ensinamentos ancestrais. Evidencia-se que, mais do que resistência, trata-se de um processo ativo de recriação cultural, no qual saber, ritualidade e vida cotidiana se entrelaçam. Nesse contexto, a educação não se reduz à escolarização, mas constitui-se como prática integral do viver. Ao tensionar modelos hegemônicos de matriz ocidental, os saberes indígenas abrem possibilidades para o repensar dos fundamentos epistemológicos da educação, apontando para caminhos interculturais baseados na reciprocidade, na escuta e na pluralidade dos modos de conhecer.

Palavras-chave: educação guarani; interculturalidade; sabedoria ancestral.

¹ Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Manaus, Amazonas, Brasil.

² Universidad del Salvador (USAL), Cidade, Argentina.

Abstract: This article is situated within the horizon of South America – also known as Abya Yala – as part of an ongoing research journey that engages with the thought of Deep America. Based on lived experiences and attentive listening among the Mbyá Guaraní people, particularly in territories across Brazil and Argentina, it seeks to understand Indigenous education as a lived experience rooted in ancestry, spirituality, and the relationship with the land. The reflection is inspired through the words of indigenous intellectuals, which calls attention to the value of Guaraní existence and, with it, the re-existence of ancestral memories and teachings. It becomes evident that, beyond resistance, this is an active process of cultural recreation, in which knowledge, rituality, and everyday life are intertwined. In this context, education is not limited to schooling but is constituted as an integral practice of living. By challenging hegemonic Western-based models, Indigenous knowledge opens possibilities for rethinking the epistemological foundations of education, pointing toward intercultural pathways grounded in reciprocity, listening, and the plurality of ways of knowing.

Keywords: guarani education; interculturality; ancestral wisdom.

Resumen: Este artículo se inscribe en el horizonte de América del Sur – o Abya Yala – como parte de una investigación en movimiento que dialoga con el pensamiento de la América Profunda. A partir de vivencias y escuchas realizadas junto al pueblo Mbyá Guaraní, especialmente en territorios de Brasil y Argentina, se busca comprender la educación indígena como una experiencia vivida, enraizada en la ancestralidad, la espiritualidad y la relación con el territorio. La reflexión se moviliza a partir de las palabras de intelectuales indígenas, que convoca a pensar el valor de la existencia Guaraní y, con ello, la re-existência de memorias y enseñanzas ancestrales. Se evidencia que, más que resistencia, se trata de un proceso activo de recreación cultural, en el cual saber, ritualidad y vida cotidiana se entrelazan. En este contexto, la educación no se reduce a la escolarización, sino que se constituye como una práctica integral del vivir. Al tensionar modelos hegemónicos de matriz occidental, los saberes indígenas abren posibilidades para repensar los fundamentos epistemológicos de la educación, señalando caminos interculturales basados en la reciprocidad, la escucha y la pluralidad de modos de conocer.

Palabras clave: educación guaraní; interculturalidad; sabiduría ancestral.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo inscreve-se no contexto de uma pesquisa doutoral desenvolvida na América do Sul, percorrendo os caminhos da América Profunda (Kusch, 2007a). Busca-se pensar a partir deste território, reconhecendo as múltiplas camadas históricas, culturais e existenciais que o constituem até alcançar suas raízes. Aí, esse continente é compreendido como *Abya Yala*, denominação atribuída pelo povo Kuna que significa “Terra Madura”, “Terra Viva” ou “Terra em florescimento”. Antes da colonização europeia, e ainda hoje, esse território é habitado por uma pluralidade de povos ameríndios que sustentam modos próprios de pensar, sentir, conhecer, viver e relacionar-se com a natureza.

O estudo fundamenta-se em uma concepção de pesquisa com povos indígenas baseada em uma postura intercultural e em metodologias próprias, assumindo uma perspectiva colaborativa que busca pensar com os indígenas a partir de territórios de pesquisa intercultural (Menezes; Bergamaschi; Menezes, 2024). A investigação foi desenvolvida em comunidades Guarani na região de Misiones, na Argentina, e no Sul do Brasil. A pesquisa apoia-se na convivência, na escuta sensível, no encontro intercultural, em registros em diário de campo e no diálogo com lideranças e educadores indígenas. Busca-se compreender os significados atribuídos às práticas formativas a partir de narrativas, conhecimentos e modos de educar construídos no interior das próprias comunidades, reconhecendo a legitimidade de suas formas de conhecer, ensinar e aprender. Tais modos de existência expressam formas próprias de educar a cada geração, enraizadas em relações de reciprocidade com a terra, com a comunidade e com os demais seres vivos. Trata-se de uma compreensão do viver que reconhece a interdependência e a aliança com todas as formas de vida, como provoca a refletir Ailton Krenak (2019).

No presente artigo, privilegiamos os diálogos estabelecidos entre a pesquisadora e os intelectuais indígenas, buscando evidenciar um modo de investigação construído com os povos indígenas, no qual a autoria indígena ocupa lugar central. Nesse processo, os diários de campo assumem papel fundamental como registros das narrativas, reflexões e conhecimentos compartilhados ao longo da investigação. Segundo Virginia Gutiérrez de Pineda (2022), os diários de campo constituem um importante instrumento de registro e de compreensão da alteridade. Ao dar ênfase aos registros de campo nesta escrita, destacamos os aspectos formativos da pesquisa, expressos tanto nas experiências registradas em campo quanto no exercício de escrever, refletir e produzir sentidos.

Conforme registro de Pinho em Diário de Campo (2024)³, Eliseu Chamorro, liderança indígena da província de Misiones, afirmou: *“Nadie imagina ni sabe la verdadera importancia de la existencia de los guaraníes”*. A potência dessa afirmação, em que a palavra-alma reverbera e produz deslocamentos, constitui o ponto de partida desta reflexão. Há nela algo que ultrapassa uma compreensão

³ Ana Maria Melo de Pinho. Diário de campo: notas sobre atividades de extensão vinculadas ao projeto de doutorado-sanduiche no território da etnia Mbya Guarani, na Comunidade Kaguy Poty, Misiones, Argentina. Documento não publicado, 2024.

estritamente racional, convocando à abertura para os sentidos e mistérios que a existência Guarani abriga e atualiza.

É a partir dessa anunciação que somos convidados a pensar o valor da re-existência das memórias e dos ensinamentos presentes na sabedoria ancestral Guarani. Pautamo-nos no conceito de re-existência desenvolvido por Adolfo Albán Achinte (2013), compreendendo-o como os processos pelos quais as comunidades indígenas resistem, recriam e reinventam cotidianamente suas formas de vida, seus saberes, sua cultura e seus modos de existir diante das permanências, continuidades e atualizações da colonialidade.

Trata-se de acolher princípios educacionais que, ao longo dos processos históricos de subalternização, colonização e epistemicídio, foram silenciados ou marginalizados pela matriz eurocêntrica (Oliveira, 2022), mas que se revelam imprescindíveis para a reflexão sobre nossa própria formação educacional. São princípios que permanecem vivos e atuantes nas comunidades indígenas que desafiam pressupostos centrais do campo educacional moderno, abrindo possibilidades para repensar referenciais epistemológicos ainda fortemente ancorados em modelos disciplinares de características ocidentais.

Partindo do entendimento de que a espiritualidade constitui um dos alicerces fundamentais da educação Guarani, emergem as questões que orientam esta reflexão: Que modos de ensinar e aprender se constituem na experiência da *tekoá*? O que se ensina e o que se aprende na circularidade das relações comunitárias, ecológicas e cosmológicas? Qual é o valor da re-existência das memórias e dos ensinamentos ancestrais? E de que modo essas experiências podem contribuir para repensar os fundamentos da educação ocidental contemporânea?

Ao abordar essas questões, busca-se contribuir para a compreensão da educação indígena como um processo próprio de formação enraizado no território, na vida comunitária, na espiritualidade e na transmissão intergeracional. Defendemos que a escuta, o diálogo e a abertura à interculturalidade, atentos à pluralidade dos saberes, podem contribuir para a revisão de nossos próprios modos de educar, bem como de seus princípios e finalidades. Quando sustentada por relações de reciprocidade, a interculturalidade possibilita encontros dialógicos autênticos, ampliando os horizontes epistemológicos da educação contemporânea.

2 MODOS DE CAMINHAR NA PESQUISA

Esta investigação vincula-se à linha de pesquisa *Linguagem, Experiência Intercultural e Educação* do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul. Associa-se ao Grupo de Pesquisa *PEABIRU: Educação Ameríndia e Interculturalidade* e ao projeto *Aprendizagens Interculturais com indígenas Guarani e Kaingang na Educação Básica*. O percurso formativo expandiu-se no âmbito do Programa Institucional de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) junto ao *Programa de Pensamiento Americano* da *Universidad Nacional de Tres de Febrero* (UNTREF), na Argentina, o que permitiu o aprofundamento das epistemologias originárias latino-americanas.

A escrita deste texto configura-se como um exercício de escrita fenomenológica e intercultural em ressonâncias (Pinho; Castiñeira, 2024), acolhendo as dimensões da existência com base em uma ontologia situada, contribuindo para uma compreensão ontológico-existencial das geoculturas, integrando razão e sensibilidade, inspirada em Kusch (Espinosa, 2016). Como procedimentos, utilizaram-se a observação participante, registros em diário de campo, conversas e entrevistas (Bicudo, 2004). Sob uma perspectiva metodológica descolonizadora, traz-se à escuta de intelectuais indígenas como sujeitos interlocutores e coautores do conhecimento (Smith, 2018).

O trabalho de campo envolveu processos de inserção comunitária que superaram o mero trânsito geográfico. Inicialmente, realizou-se nas *Tekoá Yvy Poty* (Barra do Ribeiro/RS) e *Tekoá Sepé Tiaraju* (Viamão/RS), estendendo-se à *Comunidad Kaguy Poty* (Misiones, Argentina). Nesses espaços, o território é compreendido como lugar de pertencimento, memória e ancestralidade. Acompanharam-se processos formativos integrados à totalidade da vida cotidiana, nos quais conhecimento, arte e espiritualidade articulam-se continuamente por meio da convivência, da oralidade e de rituais de reciprocidade.

A produção do conhecimento resulta do encontro dialógico entre horizontes distintos, preservando a pluralidade de vozes que atravessam a experiência compartilhada. As vivências servem como fonte de articulação teórico-conceitual, colocando o campo em diálogo com pesquisadores comprometidos com as epistemologias originárias. Somam-se a essas interlocuções as palavras e os ensinamentos de lideranças e intelectuais indígenas como Gerônimo Franco, Vherá Poty e Eliseu Chamorro. Assim, consolida-se uma abordagem pautada por princípios

ético-relacionais. A partir das ressonâncias produzidas nos encontros, articulam-se os territórios de interculturalidade ao campo da educação por meio de um diálogo interdisciplinar, aberto à alteridade e à transformação mútua em reciprocidade.

3 DOS DESAFIOS DA RE-EXISTÊNCIA GUARANI E DOS MODOS DE EDUCAÇÃO

Desperta profunda admiração a persistência ontológica com que o povo Guarani segue preservando e fortalecendo suas tradições, seus modos de ser e de existir, aquilo que denominam *teko*, realizado em um território vivo, o *tekoha*. O *teko*, entendido como modo de ser e viver, engloba valores, práticas, saberes, espiritualidade, formas de convivência e toda uma cultura orientada por princípios que sustentam a vida coletiva. Já o *tekoha* constitui o espaço onde esse modo de ser pode acontecer, renovar-se e encontrar condições para sua continuidade (Castiñeira, 2017).

A re-existência desse povo é afirmada em meio a intensas pressões de adaptação que, na contemporaneidade, ainda expressam processos colonizadores historicamente constituídos. Essa condição é forjada em um cenário marcado por embates permanentes e pela gradativa perda dos territórios ancestrais, cujos efeitos se manifestam na degradação das florestas e dos ecossistemas dos quais dependem suas formas tradicionais de subsistência. Essas adversidades impõem deslocamentos e adaptações contínuas, intensificados pela crescente proximidade com os contextos urbanos. Esse cenário amplia o contato com elementos da cultura ocidental que buscam incorporar e assimilar outros modos de existência, aos moldes da dialética da fagocitação proposta por Kusch (2007a), na qual elementos culturais externos são absorvidos, reinterpretados e ressignificados em meio às tensões próprias do encontro entre diferentes matrizes civilizatórias. Trata-se de um processo marcado por negociações complexas, por vezes conflituosas, mas que também abre possibilidades para o diálogo.

Ainda assim, os Guarani seguem fortalecendo e transmitindo seus saberes, reafirmando, no cotidiano, a vitalidade de seus modos próprios de caminhar pela vida em direção à “terra sem males” (*yvy marã e'ỹ*) (Melià, 1991). O que se evidencia, portanto, não é apenas resistência, mas um processo contínuo de recriação da vida: uma re-existência. Compreender essa dinâmica implica reconhecer a articulação entre passado, presente e futuro em uma temporalidade

na qual memória cultural, ancestralidade e transformação se entrelaçam. Longe de constituir uma estrutura estática, essa temporalidade configura-se como uma trama viva, que se renova continuamente no âmago da vida comunitária.

A re-existência observada nas comunidades Guarani aproxima-se do que Adolfo Albán Achinte (2013) denomina pedagogias sensíveis: processos criativos e coletivos por meio dos quais os povos indígenas recriam, fortalecem e dignificam seus modos de vida, saberes e espiritualidades diante das permanências da colonialidade. Dessa forma, asseguram a continuidade histórica de seus povos e produzem alternativas culturais, políticas e pedagógicas capazes de sustentar transformações sem romper os vínculos com a ancestralidade que lhes confere sentido.

3.1 Educação, formação da pessoa Guarani e sabedoria

Durante uma das visitas à *Tekoá Yvy Poty*, percorremos uma trilha ecológica construída pela comunidade em companhia de Gerônimo. A subida foi realizada em silêncio, concentrados no ato de caminhar, conectar-se com a natureza e sentir: uma experiência que, por si só, mostrava-se intensa em aprendizagens. Ao chegarmos ao topo, sentamo-nos lado a lado e permanecemos por alguns instantes em silêncio, compartilhando uma presença que dispensava palavras. Em determinado momento, ouviu-se o canto de um bem-te-vi. Gerônimo sorriu, como se tivesse percebido algo, e retomou a conversa.

Explicou que todo Guarani aspira, em algum momento de sua trajetória, a tornar-se um *karaí*, condição vinculada à sabedoria, ao amadurecimento espiritual e à capacidade de estabelecer uma relação com Nhanderu, divindade central na cosmologia Guarani. Trata-se da possibilidade de perceber, conectar-se, compreender, comunicar-se e conduzir para ações de bem-estar, cura e conhecimento com as forças da natureza, entendidas como manifestações das divindades e da presença sagrada que permeia toda a existência.

A fala de Gerônimo revela aspectos centrais dos valores educativos Guarani, profundamente vinculados às finalidades da vida, à cosmovisão e à cosmogonia que sustentam seus modos de existir (Franco; Franco, 2021). Nessa perspectiva, em consonância com as reflexões de Kusch (2007b), o ser ameríndio não se orienta prioritariamente pela busca de “ser alguém”, entendida como afirmação individual,

mas pelo *estar-sendo com os outros*, em relações de reciprocidade, pertencimento e cuidado compartilhado. Trata-se de um horizonte de bem viver que ultrapassa perspectivas estritamente antropocêntricas e materialistas, afirmando a interdependência entre seres humanos, natureza e dimensões espirituais.

Assim, a formação da pessoa Guarani não se orienta pela acumulação de conhecimentos teóricos nem pela conquista de posições associadas ao acúmulo de bens materiais. Seu horizonte está na busca contínua da sabedoria, cultivada na convivência, na escuta, na espiritualidade e nas relações que sustentam a vida coletiva. Tornar-se *karaí* ou *Kunhãkaraí*, assim como assumir outras responsabilidades espirituais reconhecidas na comunidade, corresponde ao desenvolvimento de conhecimentos, capacidades, habilidades e disposições que possibilitam viver em sintonia com a coletividade, em um compromisso ético-espiritual com o território e com as forças que animam a existência.

Como se chega a ser sábio? O que significa possuir sabedoria? Entre os Guarani, a sabedoria parece relacionar-se à capacidade de cultivar belas palavras, de escutar profundamente e de estabelecer vínculos com aquilo que sustenta a vida. Essa lógica desafia diretamente a matriz ocidental de transmissão do conhecimento.

Em primeiro lugar, destaca-se a centralidade da prática espiritual como fundamento da cultura e da educação (Melià, 2010), indicando que o saber não se separa da vivência cotidiana nem da participação nos rituais. A *opy* aparece como espaço privilegiado de formação, cuja ausência ou enfraquecimento implica impactos profundos nos processos educativos e na transmissão dos conhecimentos ancestrais.

Outro aspecto relevante refere-se à temporalidade do aprender. Diferentemente da expectativa ocidental de respostas imediatas, o conhecimento, na perspectiva Guarani, exige tempo, silêncio, concentração, escuta e maturação. A sabedoria não pode ser acessada por meio de perguntas diretas ou respostas rápidas, mas por um processo contínuo de envolvimento e transformação. Trata-se de uma lógica que se contrapõe à aceleração e à instrumentalização do saber, características da modernidade. A sabedoria é algo cultivado ao longo de toda a vida; por isso, os mais velhos são tão valorizados, pois carregam não apenas conhecimentos acumulados, mas experiências vividas, relações construídas e aprendizados amadurecidos no tempo.

A distinção entre conhecimento e sabedoria também se torna evidente. O conhecimento pode estar disponível, preservado na memória coletiva e guardado pelos anciãos, mas a sabedoria exige um percurso existencial. Ela implica atravessar experiências, desenvolver sensibilidades, aprender a escutar e estabelecer relações com as dimensões visíveis e invisíveis da existência.

Essa forma de conhecer exige um tipo específico de formação que não se realiza por meio de uma transmissão imediata. Conforme indicado no relato de Eliseu Chamorro, os conhecimentos mais profundos estão vinculados à maturidade, à experiência e à inserção nos espaços espirituais, especialmente na *opy* (casa de reza). Certos saberes não podem ser ensinados diretamente, pois dependem de preparo, disciplina e resguardo, envolvendo, inclusive, cuidados com o corpo, a alimentação, os sons e o ambiente. Conforme registro de Pinho em Diário de Campo (2024), Eliseu afirma:

Há conhecimentos espirituais muito profundos. Só os mais velhos alcançam, com o tempo. Muito se aprende dentro da opy. Não é qualquer momento. Tem que se preparar, não pode se distrair. O mundo de fora interfere muito — o ar, a comida, os sons. Por isso é importante estar em um lugar preservado, junto à natureza, para poder receber.

A fala evidencia que a aprendizagem espiritual não é concebida como mera aquisição de informações, mas como um processo gradual de formação da pessoa. O acesso a determinados conhecimentos exige tempo, disciplina, concentração e disposição para cultivar uma escuta sensível. Nesse horizonte, aprender implica preparar-se para receber, desenvolvendo capacidades perceptivas e espirituais que se constroem ao longo da vida, especialmente na convivência com os mais velhos e na participação das práticas comunitárias.

Outro aspecto relevante refere-se à temporalidade do ensino. Segundo o pensamento de Eliseu Chamorro, o aprendizado não ocorre de forma contínua e homogênea, mas em consonância com ciclos e momentos específicos, que exigem preparação e resguardo. Conforme registro de Pinho em Diário de Campo (2024), Eliseu afirma:

Existem tempos. Tempos antigos e tempos novos. Tem momentos de se preparar, de se recolher, de se fortalecer. Os avós dizem que é preciso respeitar esses ciclos. Não é qualquer hora que se aprende tudo...A espiritualidade é o mais importante. Pode ter as coisas do mundo de hoje, mas não pode

esquecer a raiz. É isso que dá força; o que os avós ensinaram, tudo isso mantém viva a cultura.

Essa organização cíclica do tempo reforça a dimensão processual da sabedoria, que não pode ser acelerada nem fragmentada. Aprender, nesse contexto, implica atravessar experiências, respeitar ritmos e desenvolver a capacidade de sentir. A espiritualidade aparece, assim, não apenas como uma dimensão da vida Guarani, mas como o princípio que sustenta a continuidade cultural, fortalece os vínculos comunitários e orienta os processos educativos.

Como sugere Pissolato (2007), trata-se do desenvolvimento de capacidades e habilidades que se constituem na própria pessoa, nas relações que ela estabelece ao longo da vida e nos caminhos que percorre em sua formação. Em seu estudo etnográfico junto aos Mbya Guarani, a autora demonstra que a constituição da pessoa está relacionada à busca de um “sentir bem” pessoal que é também coletivo, manifestado em um estado de ânimo permeado por alegria, saúde e plenitude. Três eixos fundamentais sustentam esse processo: a mobilidade, o parentesco e o xamanismo, compreendidos como dimensões indissociáveis das trajetórias de vida.

Nesse horizonte, a sabedoria não se reduz ao acúmulo de conhecimentos voltados ao domínio da natureza; é uma aprendizagem tecida ao longo de toda a existência. Como ressaltaram Eliseu e Vherá, é um saber cultivado desde o nascimento, transmitido entre gerações e continuamente atualizado na singularidade da experiência de cada pessoa por meio da convivência e da escuta dos mais velhos. É um processo formativo inscrito na totalidade dos contextos comunitários.

Nas práticas espirituais, nos rituais, nos cantos, nas danças e nos momentos de concentração vividos na *opy*, a aprendizagem acontece como experiência viva. Nesses contextos, fortalece-se uma coletividade que não é apenas social, mas também ecológica, espiritual e cósmica, reunindo pessoas, natureza e divindades. A sabedoria, portanto, não é concebida como posse individual, mas como capacidade de participar, compreender e cuidar das relações que sustentam a vida.

As reflexões de Pissolato (2007) evidenciam que, entre os Mbya Guarani, a aprendizagem ocorre em todas as esferas marcadas pela convivialidade. Esse processo realiza-se tanto nas atividades cotidianas quanto nos momentos rituais vividos na *opy*. A constituição da pessoa acontece por meio de experiências que atravessam dimensões da espiritualidade, manifestadas na relação com a palavra,

com a natureza, com as vivências estético-espirituais e com a busca pelo agir correto, sintetizada nas expressões *japo porã* (“fazer bonito” ou “fazer bem”), princípio ético-estético que orienta as condutas humanas e integra conhecimento, arte, religiosidade e pedagogia.

Ao abordar o domínio do saber, a autora ressalta a existência de uma linguagem específica, especialmente presente na casa de reza, denominada “fala da opy” ou “fala de Nhanderu”. Por meio dela manifestam-se os aconselhamentos dos homens e mulheres mais velhos, reconhecidos como portadores de sabedoria por sua proximidade com a dimensão espiritual. Em determinadas situações, essa fala assume a forma de reza (*nhembo’e*), música, dança ou narrativa. O domínio dessa linguagem corresponde ao mais elevado grau de elaboração verbal entre os Mbya, alcançado por aqueles capazes de acessar e fazer circular na Terra palavras de origem divina.

É nesse horizonte que se situam as *nhe’ẽ porã* (“palavras bonitas”), compreendidas como palavra poética ou *palavra-alma* (Chamorro, 2008). Recebidas dos seres espirituais e pronunciadas por rezadores e rezadeiras, elas estabelecem uma ponte entre o plano humano e o sagrado. Ao serem ouvidas ou enunciadas durante a reza, constituem simultaneamente práticas de aconselhamento, transmissão de conhecimentos e formação da pessoa. Assim, espiritualidade, educação, memória e ética articulam-se em um mesmo movimento.

Nessa perspectiva, educar aproxima-se do ato de contar (*mombe’u*), atualizando ensinamentos recebidos dos antigos (*ymaguare*) e reafirmando vínculos com a memória coletiva. A palavra constitui um espaço de formação no qual a escuta e o aconselhamento aproximam-se da instrução divina. Aprender significa participar de uma tradição viva que conecta pessoas, comunidades, ancestrais e divindades, configurando-se como um movimento relacional que fortalece a pessoa em sua integralidade.

As falas das lideranças indígenas Vherá Poty, Gerônimo Franco e Eliseu Chamorro reforçam essa compreensão ao evidenciarem o papel central dos avós nos processos de formação. Os ensinamentos recebidos dos mais velhos são evocados com profundo respeito, revelando uma concepção de educação fundamentada na transmissão intergeracional. Os avós são lembrados como grandes sábios, não apenas pelos conhecimentos que possuem, mas pela maturidade espiritual e capacidade de orientar os mais jovens.

Entre os Guarani, aprende-se com aqueles que vieram antes, por meio da palavra, do exemplo e do aconselhamento. Os mais velhos constituem-se como guardiões da memória coletiva e mediadores de saberes que articulam conhecimento, espiritualidade e modos de viver. A educação corresponde a um processo contínuo de formação ética, relacional e espiritual, realizado no encontro entre as gerações (Franco; Franco, 2021).

Por sua vez, os sábios não compreendem o conhecimento como algo proveniente de si mesmos ou de sua individualidade. São reconhecidos como sábios justamente por saberem de onde provém a fonte de sua sabedoria: da capacidade de conectar-se, perceber, escutar, comunicar-se e transmitir aquilo que as divindades e a espiritualidade lhes permitem acessar. O saber não é concebido como posse individual, mas como participação em uma realidade maior que ultrapassa o humano.

Ao refletir sobre as fontes do conhecimento indígena, Kusch (2012) permite compreender que, no âmbito ritual, o saber está submetido a um princípio distinto de ordenação. Trata-se de um saber revelado, dotado de uma qualidade fascinante e numinosa. Não se limita à busca pelos porquês ou pelas relações de causa e efeito; amplia-se para aquilo que pode ser cultivado e compartilhado como sabedoria. Essa sabedoria possui a potência de multiplicar-se como uma sementeira, relacionando-se intimamente com o fazer. Conhecer, nesse sentido, significa fazer crescer algo em si mesmo, conduzindo-o a desdobramentos que alcançam dimensões cósmicas. Para os povos originários ameríndios, o conhecimento constitui simultaneamente uma forma de agir no mundo e de transformar-se.

Em conversa intercultural, Vherá Poty (Poty; Menezes, 2023) destaca a importância de que, desde a infância, o processo educativo esteja enraizado na espiritualidade, fundamentado no sentir e na transmissão, por meio da palavra-alma, dos ensinamentos acerca das divindades responsáveis por todo o movimento da vida, das forças que regem a natureza e de seu significado para o viver. A abundância dessa presença espiritual, percebida em tudo o que existe, é compreendida como uma das maiores riquezas e como condição fundamental para o bem viver. Ela manifesta-se na floresta, no nascer do sol, no canto dos pássaros, no movimento dos ventos e no fluxo das águas; revela-se nos animais, nas estrelas e na lua. Nesse tecido vivo de relações encontram-se também as possibilidades de sustento e cuidado da vida: nas plantas que alimentam, curam, fornecem matéria

para o artesanato e fortalecem os vínculos entre pessoas, território e espiritualidade. Assim, a natureza não se apresenta como um conjunto de recursos a serem explorados, mas como expressão viva de uma realidade sagrada, com a qual se estabelece uma relação de reciprocidade, respeito e pertencimento (Boff, 2001).

Diferentemente da racionalidade ocidental moderna, o solo e a terra, elementos concretos do território onde se realiza o cotidiano comunitário ameríndio, encontram-se impregnados de ritualidade e sacralidade, constituindo-se como fontes de significados orientados por cosmogonias e cosmovisões próprias. Para Kusch (2012), o pensamento indígena e popular ameríndio configura-se como uma forma de compreender o mundo profundamente marcada pela dimensão simbólica e sagrada da existência, distinguindo-se da racionalidade instrumental característica da modernidade ocidental. Nessa perspectiva, o conhecimento emerge também da intuição e da inspiração, superando concepções estritamente antropocêntricas. Ele floresce na interação entre seres humanos, natureza e divindades, manifestando-se nos simbolismos presentes nos diversos afazeres da vida cotidiana, incluindo as lutas e as contradições de um viver comunitário.

Como aponta Kusch (2007a), o *estar-sendo* expressa um modo próprio de ser ameríndio, no qual viver e educar-se acontecem de forma situada em uma paisagem geocultural, como experiência enraizada na América Profunda e como um ato de pensar a partir do coração. Bergamaschi e Menezes (2015) ressaltam que, na educação Guarani, o respeito à natureza e a todas as formas de vida é fonte essencial de inspiração. Todas as práticas estão inseridas em um contexto mais amplo, no qual a espiritualidade permeia os rituais, o cuidado, o aconselhamento e os processos de cura, tanto individuais quanto coletivos, mediados pela escuta e pela conexão com divindades que orientam os ciclos da vida.

Ao refletir sobre a sabedoria Guarani e sobre aquilo que dela se pode aprender, Melià (1991) destaca a importância de perceber uma vibração espiritual que atravessa a experiência humana. Os saberes não se reduzem a uma percepção subjetiva e individualizada da realidade, pois acontecem simultaneamente em si mesmos e na relação com os outros. O espiritual, nesse sentido, não corresponde a uma abstração, mas a uma experiência relacional, vivida e compartilhada. Por isso, a sabedoria se deixa entrever na reza, no canto, na dança, nas *belas-palavras* e nos gestos que tornam presente uma realidade maior (Clastres, 1990). Como afirma o autor: “En la experiencia religiosa Guaraní, las entrañas han sentido

estremecimiento que el corazón y la cabeza no sabrían teologizar” (Melià, 1991, p. 22). A experiência espiritual provoca um estremecimento das entranhas, do âmago do ser, diante do qual pensamento e sentimento apenas vislumbra algo que os ultrapassa e, ao mesmo tempo, os integra.

Todas essas dimensões compõem uma totalidade cósmica vivida pelos povos indígenas como experiência concreta, espiritual e relacional. Conforme relatam Gerônimo e Vherá Poty, intelectuais indígenas Guarani, em registro realizado por Pinho em Diário de Campo (2023-2024)⁴, trata-se de uma realidade que integra seres humanos, natureza, ancestralidade e espiritualidade em uma mesma trama de existência. Tal compreensão aproxima-se daquilo que Kusch (2007a) denomina *América Profunda*: um horizonte existencial enraizado no território, na experiência vivida e em modos de ser que resistem e persistem para além das lógicas coloniais.

É desse solo de ancestralidade que germinam e se revitalizam continuamente saberes, práticas e modos de existência transmitidos entre gerações. Como sugere Ailton Krenak (2022), a tradição não é uma repetição inerte do passado, mas uma memória viva que se transforma no tempo, constituindo uma força geracional que sustenta modos próprios de existir, conhecer e educar-se mesmo em contextos adversos. Longe de constituírem vestígios de um passado encerrado, esses conhecimentos afirmam-se como forças vivas que sustentam o presente e alimentam o futuro, atualizando-se em processos permanentes de resistência, criação e re-existência.

Justamente por isso, a compreensão das aprendizagens e das sabedorias ameríndias, no contexto Guarani, exige um deslocamento em relação aos referenciais hegemônicos da educação ocidental, frequentemente orientados pela abstração, pela racionalidade instrumental e pela separação entre sujeito e mundo. A afirmação de que a maior aspiração de uma pessoa Guarani é tornar-se *karaí* nos permite deslocar os parâmetros convencionais sobre os processos educativos e refletir sobre o valor real atribuído à sabedoria, à ancestralidade e à continuidade intergeracional.

⁴ Ana Maria Melo de Pinho. Diário de campo: notas sobre a arte Guarani em visitas e atividades de extensão realizadas com o Grupo de Pesquisa PEABIRU e a disciplina de Psicologia Comunitária no território da etnia Mbya Guarani, na Tekoá Sepé Tiaraju, São Gabriel, Rio Grande do Sul (Documento não publicado, 2023-2024).

Essas questões tornam-se ainda mais significativas em um contexto histórico e cultural no qual aquilo que é antigo é frequentemente associado ao atraso e desqualificado diante dos ideais de progresso e inovação característicos da modernidade ocidental. Tomar a sabedoria ancestral como horizonte de reflexão educacional pode, à primeira vista, provocar estranhamentos ou ser percebido como incompatível com as conquistas materiais e os avanços tecnológicos contemporâneos. Tal percepção relaciona-se a uma lógica que valoriza permanentemente o novo, desvinculando-o de suas raízes históricas.

Entretanto, as perspectivas indígenas apontam para outra compreensão da temporalidade. Como sugere Ailton Krenak (2022), o futuro não se constrói pela ruptura com o passado, mas pelo aprofundamento dos vínculos com a ancestralidade. Em certa medida, o futuro é ancestral, pois se alimenta das memórias, dos ensinamentos e das experiências acumuladas pelas gerações que vieram antes. Nessa perspectiva, retornar às origens não significa retroceder, mas reencontrar fundamentos capazes de orientar a continuidade da vida.

A desvalorização dos povos originários esteve historicamente vinculada a uma visão evolucionista que os situou como representantes de um estágio supostamente ultrapassado da humanidade.

O que os europeus não conseguiram admitir é que nós éramos o que eles tinham sido um dia. Eles criaram uma tal distância entre eles e nós, que a ideia de sermos o passado deles era insuportável. Eles queriam ser o futuro, e nós éramos o que eles tinham deixado para trás (Krenak, 2022, p. 26).

Ao questionar essa narrativa, os saberes indígenas deslocam a própria noção de progresso, evidenciando que a permanência de práticas ancestrais não representa resistência à mudança, mas a continuidade de modos de vida que mantêm vínculos profundos com a memória, o território, a coletividade e a espiritualidade. A re-existência desses saberes revela, assim, a afirmação de outras possibilidades de futuro.

Essa dimensão torna-se ainda mais evidente quando os interlocutores destacam o papel dos anciãos como guardiões dos conhecimentos tradicionais. São eles que conduzem os rituais, orientam a comunidade e asseguram a continuidade dos ensinamentos ancestrais. Contudo, as lideranças também apontam para a diminuição do interesse dos mais jovens em participar desses processos

formativos, evidenciando um desafio significativo para a transmissão cultural. Conforme registro de Pinho em Diário de Campo (2024), Eliseu observa:

Os anciãos são os que fazem as práticas rituais, os sábios. Eles sabem, eles mantêm. Mas há pouco interesse. E o conhecimento deles tem seu tempo. Não respondem rápido. Eles pensam. Precisam de concentração. Não fazem tudo ao mesmo tempo. Não é só perguntar e ter resposta. É um processo. Para adquirir conhecimento, é preciso passar por esse tempo. A espiritualidade tem outra lógica, não é algo imediato.

A narrativa destaca uma concepção de aprendizagem que contrasta com a lógica da rapidez e da produtividade predominante na sociedade contemporânea. O conhecimento, na perspectiva Guarani, não se reduz à transmissão instantânea de informações, mas envolve processos de convivência, observação, escuta atenta, participação e amadurecimento. Aprender exige tempo, presença e disponibilidade para vivenciar os ensinamentos. A espiritualidade orienta esse percurso formativo e imprime outra temporalidade à construção do saber, marcada pela experiência, pela reflexão e pela relação com os mais velhos.

Nesse sentido, as reflexões de Lipovetsky (2007) podem contribuir para compreender como as sociedades contemporâneas, marcadas pelo consumo, pela aceleração e pela constante busca da novidade, tendem a produzir relações mais frágeis com a memória, a tradição e a transmissão intergeracional. Em contraste, a perspectiva Guarani evidencia que o passado não constitui um tempo superado, mas uma presença viva que continua orientando o presente e abrindo possibilidades para o futuro. A ancestralidade oferece as condições para que a vida se renove sem perder os vínculos com aquilo que a sustenta (Krenak, 2022).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, os relatos indicam que os desafios enfrentados pelas comunidades Guarani não se referem apenas à preservação de práticas culturais específicas, mas à manutenção das condições que possibilitam a continuidade de uma forma própria de educar, produzir conhecimentos e constituir sujeitos. A relação com a natureza aparece como dimensão constitutiva desse processo formativo. Não se trata apenas de observar ou utilizar os elementos do ambiente, mas de participar de uma trama de relações na qual a floresta, os animais, os ciclos da vida e as manifestações espirituais também ensinam.

O conhecimento não é alcançado por meio do controle ou da objetificação do mundo, mas pela abertura sensível, pela escuta e pela capacidade de esperar. Assim, a aprendizagem vincula-se a uma disposição de presença e atenção, que possibilita à pessoa tornar-se parte de uma comunidade de relações mais ampla, envolvendo pessoas, ancestrais, divindades e demais seres que compartilham a existência.

As falas dos intelectuais indígenas aqui contempladas apontam para uma dimensão ativa e propositiva: a responsabilidade das lideranças na mobilização das novas gerações, buscando reacender o interesse pela cultura e fortalecer os vínculos com a ancestralidade. Trata-se de um movimento que não se limita à denúncia das perdas, mas que se inscreve como esforço de re-existência, isto é, de recriação e atualização dos fundamentos culturais em meio às condições contemporâneas.

Tal desafio ultrapassa os povos indígenas. Em tempos de desenraizamento e esquecimento, seus saberes nos convidam a reaprender a escuta, a memória e o pertencimento. Como um chamado que atravessa a floresta e alcança outros mundos, recordam que viver também é cultivar vínculos com a Terra, com os ancestrais e com aquilo que dá sentido à existência. Ensinam que há aprendizagens que florescem na simplicidade dos gestos cotidianos, em experiências aparentemente pequenas, mas carregadas de profundos significados e simbolismos ancestrais. Nelas, revelam-se modos de educar e aprender que não pertencem a um passado ultrapassado, mas que podem oferecer caminhos renovadores para educadores formados sob referenciais de ensino marcadamente ocidentais.

A re-existência das memórias ancestrais, seus ensinamentos e sabedoria Guarani, tem um valor para além do que talvez possamos imaginar, pois revelam que a educação pode ultrapassar os limites da instrução formal e constituir-se como experiência de formação integral, enraizada na reciprocidade, na espiritualidade, na memória ancestral e no compromisso com a vida.

Trata-se de sustentar uma educação que não substitua nem subordine tais conhecimentos, mas que dialogue com eles de forma respeitosa e intercultural, contribuindo para sua continuidade, fortalecimento e atualização no tempo presente. Nesse sentido, suas contribuições não interessam apenas aos povos indígenas, mas oferecem importantes elementos para repensarmos os sentidos, os princípios e as finalidades da educação contemporânea, especialmente diante dos desafios éticos, sociais, culturais e ecológicos que marcam o nosso tempo.

REFERÊNCIAS

ACHINTE, Adolfo Labán. Pedagogías de la re-existencia: artistas indígenas y afrocolombianos. In: WALSH, Catherine. *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir*. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013. Tomo I. p. 443-468.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; MENEZES, Ana Luisa Teixeira de. *Educação ameríndia: a dança e a escola Guarani*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. *Pesquisa qualitativa e fenomenologia*. São Paulo: EDUSP, 2004.

BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

CASTIÑEIRA, Sebastián. *Don y reciprocidade: De Bartomeu Melià a la filosofia contemporánea*. Buenos Aires: SB, 2017.

CHAMORRO, Graciela. *Terra madura YVY ARAGUYGE: fundamento da palavra Guarani*. Dourados: Editora UFGD, 2008.

CLASTRES, Pierre. *A fala sagrada: mitos e cantos sagrados dos índios Guarani*. Campinas: Papirus, 1990.

ESPINOSA, Alejandra Viveros. *Horizontes de investigación desde el pensamiento de Rodolfo Kusch*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2016.

FRANCO, Sergio; FRANCO, Gláucia. Palavra Guarani. In: MENEZES, Ana Luisa Teixeira de; BERGAMASCHI, Maria Aparecida; SOUZA, Francisco Rodrigues de. *Aprendizagens interculturais na educação e na psicologia*. Porto Alegre: CirKula, 2021.

KRENAK, Ailton. *O futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KUSCH, Rodolfo. *El pensamiento indígena y popular en América y la negación del pensamiento popular*. Rosario: Fundación Ross, 2012.

KUSCH, Rodolfo. América profunda. In: KUSCH, Rodolfo. *Obras completas*. [Tomo II]. Rosario: Fundación Ross, 2007a.

KUSCH, Rodolfo. Geocultura del hombre americano. In: KUSCH, Rodolfo. *Obras completas*.

[Tomo III]. Rosario: Fundación Ross, 2007b.

LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MELIÀ, Bartolomeu. Educação Guarani segundo os Guarani. In: STRECK, Danilo Romeu. *Fontes da pedagogia latino-americana: uma ontologia*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MELIÀ, Bartolomeu. *El Guaraní: experiencia religiosa*. Asunción: Universidad Católica Nuestra Señora de la Asunción, 1991.

MENEZES, Magali Mendes de; BERGAMASCHI, Maria Aparecida; MENEZES, Ana Luísa Teixeira de. Metodologias Insurgentes de Pesquisa: o pensamento indígena em diálogo. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 1-12, 2024. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-6524.142136>

OLIVEIRA, Marcia Lisbôa Costa de. As epistemologias do sul e o fim do império cognitivo. *Revista Contemporânea de Educação*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 38, p. 228-232, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.20500/rce.v17i38.35471>

PINEDA, Virginia Gutiérrez de. *La organización social en la Guajira y diarios de campo*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2022.

PINHO, Ana Maria Melo de; CASTIÑEIRA, Sebastian Daniel. As ressonâncias como metodologia da investigação etnográfica em América: aporte desde Kusch, Melià e saberes originários. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 298-321, set./dez. 2024. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/141031/94598>. Acesso em: 20 abr. 2026.

PISSOLATO, Elizabeth. *A duração da pessoa: mobilidade, parentesco e xamanismo mbya (Guarani)*. São Paulo: Unesp Editora; Pronex; Nuti/ ISA, 2007.

POTY, Vherá; MENEZES, Ana Luisa Teixeira de. Conversa intercultural. In: MENEZES, Ana Luísa Teixeira de; WENDLAND, Carine Josiéle; WERNZ, Maria Cristina Graeff. *Educação: corpo, vivência e espiritualidade*. Porto Alegre: CirKula, 2023.

SMITH, Linda Tuhiwai. *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas*. Tradução: Roberto G. Barbosa. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

Sobre os autores:

Ana Maria Melo de Pinho: Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul (PPGEdu/UNISC). Mestra em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Arteterapia pela Universidad Nacional de las Artes de Buenos Aires. Graduada em Psicologia pela UFC. Autora dos livros *El valor ético del arte* e *A arte e a vivência na Psicologia Comunitária e na Educação Popular*. Membro do grupo de pesquisa e extensão PEABIRU: Educação Ameríndia e Interculturalidade. Facilitadora de Biodança. **E-mail:** anamaria_ba35@hotmail.com, **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-0082-7337>

Ana Luisa Teixeira de Menezes: Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul (PPGEdu/UNISC). Mestra em Psicologia e graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Arteterapia pela Universidade Nacional de Artes de Buenos Aires. Facilitadora de Biodança. Membro do grupo de pesquisa e extensão PEABIRU: Educação Ameríndia e Interculturalidade. Autora dos livros *El valor ético del arte* e *A arte e a vivência na Psicologia Comunitária e na Educação Popular*. **E-mail:** anamaria_ba35@hotmail.com, **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-0082-7337>

Sebastián Daniel Castiñeira: Pós-doutor com estudos realizados pela Universidad Nacional de Tres de Febrero (UNTREF), Argentina, e pelo Centro Regional de Formación Docente e Investigación Educativa del Sur Sureste (CRESUR), México. Doutor em Filosofia pela Universidad del Salvador (USAL). Pesquisador e docente da Faculdade de Artes e Design da Universidad Nacional de Misiones (UNaM). Codiretor dos cursos de Especialização e Mestrado em Cultura Guaraní-Jesuítica. Professor da UNTREF e responsável pelo Projeto Pensar en Movimiento. Autor do livro *Don y reciprocidad. De Bartomeu Melià a la filosofía contemporánea* e de diversos artigos publicados em periódicos especializados. **E-mail:** scastineira@untref.edu.ar, **ORCID:** <https://orcid.org/0009-0002-0801-5912>

Recebido em: 09/06/2026

Aprovado em: 17/07/2026